



REVISTA NOVA ESCOLA: ENFOQUE SOBRE SEXUALIDADE

Deila Cristina dos Santos – deilacrys@gmail.com

Márcia Santos Anjo Reis – marcialibra@ibest.com.br

Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho

Universidade Federal de Goiás/CAJ

Resumo

O tema sexualidade nos últimos tempos vem sendo amplamente discutido em todas as esferas sociais, em diferentes contextos. Por isso a sexualidade deve ser refletida e analisada de forma contextualizada levando em consideração os aspectos sociais, culturais, econômicos e religiosos. Este trabalho tem como objetivo geral analisar a concepção de sexualidade abordada nas reportagens da revista pedagógica “Nova Escola” e para o seu desenvolvimento foi realizada pesquisa bibliográfica e documental. No total foram analisadas 59 revistas editadas no período de 2004 a 2009. Inicialmente foi realizado, um levantamento das reportagens publicadas nas revistas pedagógicas, procurando identificar a que área se destinava; se eram de cunho teórico, teórico/prático, informativo, informativo/prático ou apenas prático. Depois a atenção se voltou para as reportagens que abordavam temas ligados à sexualidade. Das 59 revistas selecionadas, apenas sete apresentam reportagens sobre o tema, e no total foi analisado o quantitativo de oito produções. Para a análise documental tomamos como referência Bardin (1977), que propõe o método de análise de conteúdo, que é realizado em três momentos: a pré-análise; o procedimento de análise do material; o tratamento e a interpretação dos resultados. Constatamos que as concepções de sexualidade apresentadas pela revista foram a emancipatória e a normativa-parenética.

Palavras-chave: *Sexualidade, revista pedagógica, concepção de sexualidade*

Área Temática: Ensino-aprendizagem de Ciências no Ensino Fundamental.

Introdução

O tema sexualidade se tornou em um objeto de discussão e pesquisa nestes últimos anos, principalmente na esfera educacional e transformou em um desafio que permeia a prática pedagógica de docentes das distintas áreas e níveis de ensino. Dentre as várias pesquisas desenvolvidas sobre sexualidade temos as de Lopes (2000), Louro (1998), Felipe (1998), Meyer e Soares (2004), Louro, Neckel e Goellner (2003), Camargo e Ribeiro (1999), dentre outros.

Sabendo que o tema sexualidade pode ser estudado sobre diferentes enfoques, resta-nos definir o objeto de investigação. São inúmeros os desafios sobre a sexualidade que se apresentam, gerados por situações cotidianas, tais como, programas divulgados pela mídia televisiva, mídia impressa, propagandas, entre outros. A opção pela “Nova Escola” se deu em função dela ser uma revista pedagógica de boa aceitação no espaço educacional e por observar durante minha prática profissional, que diversos professores a utilizavam como referencial para algumas atividades desenvolvidas em sala de aula. A revista foi criada em março de 1985, com o intuito de contribuir para a melhoria no Brasil, da qualidade do ensino da Educação Básica - Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio (FUNDAÇÃO VICTOR CIVITA, 1985).

O objetivo principal deste trabalho consiste em identificar a concepção de sexualidade apresentada nos artigos da revista pedagógica “Nova Escola”, da editora Abril, que falam sobre a questão sexual, publicadas durante o período de 2004 a 2009.

Para atingir o objetivo principal foram delineados outros específicos: executar uma leitura flutuante das revistas encontradas identificando os artigos relativos ao tema sexualidade; aprofundar teoricamente sobre as concepções de sexualidade ao longo da história; fazer um levantamento dos temas sobre sexualidade mais abordados na Revista Nova Escola; identificar nos textos selecionados da Revista Nova Escola parâmetros de análise que possam nos levar a identificar a concepção sexualidade defendidas pelos autores; definir o cunho das reportagens das revistas pedagógicas selecionadas.

Para o desenvolvimento deste trabalho foi realizado pesquisa bibliográfica e documental. Segundo Gil (2002, p. 44), a pesquisa bibliográfica “[...] é desenvolvida com base em materiais já elaborados e fundamenta-se em contribuições de diversos autores sobre determinado assunto [...]”. Iniciamos o trabalho realizando uma pesquisa bibliográfica com o objetivo de aprofundamento teórico sobre o tema sexualidade e sobre a importância da revista como instrumento pedagógico para a formação do professor.

Em seguida passou-se para a pesquisa documental que “[...] é feita através de materiais que ainda não receberam um tratamento analítico, mas que constituem em uma fonte rica e estável de dados” (GIL, 2002, p. 44). No caso específico deste trabalho, a fonte documental foi a revista pedagógica “Nova Escola”, editadas durante o período de 2004 a 2009, perfazendo um total de 59 exemplares.

Justificativa

Apesar de estarmos vivendo numa sociedade democrática, ainda existem barreiras para a orientação sexual nas escolas. Barreiras que são algumas vezes criadas pelos pais

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – Campus Jataí

8ª Semana de Licenciatura: O professor como protagonista do processo de mudanças no contexto social

Trabalho completo.

Revista Nova Escola: enfoque sobre sexualidade

que acreditam que essa temática não deva ser conteúdo trabalhado na escola e questionam os trabalhos de orientação sexual; outras vezes, as barreiras são levantadas pelos próprios professores, que sentem vergonha em abordar o assunto, em função da questão cultural, da formação profissional inadequada, da falta de segurança tanto didática quanto metodológica, e optam por não trabalhar com o tema. Essas barreiras foram observadas durante o estágio feito no curso de Pedagogia e pela minha prática profissional enquanto professora de escola do Ensino Fundamental. Sabe-se que as manifestações sexuais estão presentes no ser humano desde o nascimento e é algo inato do ser humano. Por isso, trabalhar com Orientação Sexual deve ser um processo contínuo e, sobretudo natural, iniciado desde a Educação Infantil. Diante de situações presenciadas no espaço escolar nas quais ocorrem manifestações sexuais dos alunos, independente do nível de ensino, os docentes devem estar preparados (teoricamente e psicologicamente para uma possível intervenção, transformando esse momento em uma oportunidade de aprendizagem, sem constrangimento de ambas as partes, ou seja, devem encarar o tema sexualidade de forma natural, responsável e tranquila, sem tabus e pré-conceitos.

Segundo o Parâmetro Curricular Nacional (PCN) de Orientação Sexual (BRASIL, 2001), a sexualidade não se limita apenas ao sexo, sobretudo a reprodução da espécie, ela está inserida no ser humano envolvendo o todo, como o bem estar, valores, atitudes entre outros. A sexualidade enfim, tem haver como as pessoas vivem se relacionam seus objetivos e prazeres, com a cultura e com a sociedade.

Percebemos essa expansão na discussão sobre sexualidade nos livros didáticos e paradidáticos adotados em sala de aula; nas pesquisas de educação, realizadas nos programas de graduação e pós-graduação; nos documentos de políticas públicas que definem a educação, bem como no PCN de Orientação Sexual e no Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil (RCNEI); nas revistas (Nova Escola, Super Interessante, Ciência Hoje, entre outras); na mídia televisiva e escrita; dentre outros. Logo, cabe ao professor ter domínio destas concepções de sexualidade e fazer uma análise criteriosa do material que utilizará como recurso pedagógico e mesmo para aprofundamento teórico, para saber se posicionar frente às abordagens apresentadas.

Mídia e educação podem andar juntas, proporcionando de forma eficaz a construção de conhecimentos. E o uso desses novos meios podem proporcionar aos professores um grande artefato de recursos pedagógicos, preparados para proporcionar um ensino/aprendizagem de qualidade.

Em nossa pesquisa percebemos que um dos meios midiáticos mais utilizados em sala de aula, é a mídia impressa, como o caso da revista Nova Escola. Em nossa

observação e regência de estágio, percebemos como é grande o número de exemplares da revista, sendo utilizado todos os dias em sala de aula, servindo praticamente como “cartilha”, para os professores. Dessa forma, nosso foco se acentua na abordagem da revista Nova Escola e determinando qual a concepção de sexualidade que é repassada em suas reportagens.

A revista Nova Escola foi criada em março de 1985, pela Fundação Victor Civita e é publicada pela Editora Abril. A revista é produzida através de parceria com o governo federal, cuja sociedade permite que sua distribuição seja gratuita às escolas públicas brasileiras e através deste subsídio, os exemplares cheguem nas bancas com valor bem acessível.

Segundo Costa (2006), a revista Nova Escola acaba produzindo um padrão social de referência, que acaba ditando o que é melhor para ser adotado em sala de aula.

No caso de Nova Escola, ao destacar e reverenciar certos modos de ser das professoras e dos professores, preescrever fórmulas de trabalho, define o que é certo e o errado quando se trata da seleção de conteúdos, de condutas em sala de aula ou em relação à profissão ou à sociedade, etc., a revista vai colocando em prática uma cadeia de validação de enunciados que acaba por produzir, com regularidade e suposta legitimidade, um padrão social de referência [...] posições de sujeitos desejáveis, que discrimina o “normal” e o aceitável do “anormal”. Apesar de parcial, arbitrário e politicamente comprometido, tal padrão tende a ser exposto como universal e verdadeiro, produzindo todos os efeitos possíveis em uma tradição cultural edificada sobre o desejo utópico da perfeição e do ideal (COSTA, 2006, p. 26).

De acordo com a pesquisa, quando a revista Nova Escola faz reverência a seus educadores através do Prêmio Victor Civita, ela define de certa forma os padrões exigidos para ser um bom professor impondo meio que camuflado, condutas e normas a serem seguidas, sem que o professor perceba. Segundo COSTA (2006), a revista Nova Escola, repassa através de suas reportagens, conteúdos prontos, validando o certo do errado, e o professor nem percebe a ideologia apresentada em suas entrelinhas.

Trajatória metodológica e análise dos resultados

Para analisar a revista Nova Escola, tendo a sexualidade como tema a ser investigado, optou-se pela pesquisa do tipo documental, fundamentada na análise de conteúdo. Segundo Bardin (1977), essa análise “[...] se organiza em três momentos: a pré-análise; a exploração do material; o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação [...]” (p. 95).

Na pré-análise, realizou-se uma “leitura flutuante” de alguns exemplares da revista a fim de sondar a possibilidade de execução do trabalho. À medida que a leitura transcorria,

verificava-se quão complexa era a pesquisa desse material e quão vasto era o campo que ainda poderia ser explorado nesses exemplares.

Identificada a possibilidade de realizar a pesquisa, passou-se para a segunda etapa que consistia em definir critérios. Optou-se pela publicação referente aos últimos seis anos (2004-2009), por ser mais fácil ter acesso à publicação mais recente e para verificar se a concepção de sexualidade emancipatória, proposta a partir do final da década de 90 e início de 2000, no PCN de Orientação Sexual (2001) e por Nunes e Silva (2000), estava incorporada nas reportagens da revista Nova Escola.

Dos 60 números publicados no recorte temporal definido, se teve acesso a 59 revistas, número demonstrativo excelente, que corresponde a 98,33% do total de publicações. Com os exemplares em mãos, passou-se a fazer um estudo pormenorizado de cada revista, identificando: o título da capa; o nome de cada reportagem, que denominamos de texto; a área para qual a reportagem estava direcionada; o cunho ou intuito do texto e o público-alvo a qual se destina.

Durante a análise das revistas, para efeito de estudo, foram identificados os artigos segundo áreas: História, Geografia, Artes, Língua Portuguesa, Alfabetização, Matemática, Ciências, Antropologia, Avaliação Escolar, Astronomia, Capacitação Profissional, Didática, Educação Física, Educação Moral, Educação no trânsito, Educação Rural, Educação à distância, Gestão Escolar, Inclusão, Interdisciplinaridade, Língua Estrangeira, Lingüística, Literatura, Orientação Sexual, Planejamento Escolar, Projetos Educacionais, Psicologia, Política Educacional, Relacionamento Escolar. Percebe-se que algumas áreas são mais privilegiadas do que outras. Das 59 revistas analisadas, foram identificadas 761 reportagens e apenas oito são ligadas ao tema sexualidade, o que corresponde a 1,05%, quantitativo reduzido para tema tão presente e importante na vida das pessoas.

Dando prosseguimento ao estudo, classificou-se as reportagens de acordo com o cunho: informativa; prática; teórica; informativo/prática e teórico/informativa. Constatou-se que a maioria dos artigos é de cunho informativo/prático, onde a intenção apresentada é repassar informações e como a fazer tais ações em determinados conteúdos.

Quanto ao público-alvo, desde sua criação a revista Nova Escola tem como sua prioridade atender aos professores do Ensino Fundamental, o que foi confirmado pela análise dos dados coletados. Das 761 reportagens, 48,94% estavam direcionadas ao Ensino Fundamental e 21,26% voltadas para a Educação Infantil.

A seguir será apresentada a análise específica dos artigos referentes ao tema sexualidade que trata do foco de análise do trabalho. Considerando as várias formas de registro, optou-se pelo registro de tema - sexualidade. Procurou-se observar nas

reportagens da revista “Nova Escola” a concepção de sexualidade por ela veiculada através dos conteúdos explorados e imagens apresentadas.

Segundo Nunes e Silva (2000), a concepção de sexualidade pode ser classificada como normativa-parenética, médico-biologista, terapêutica-descompressiva, consumista-quantitativo e emancipatória.

Na **concepção normativa e parenética** procuraram-se conteúdos que se referiam à descrição das funções de maternidade; definições de atividades profissionais separadas por gênero; valores que permanece o sentimento patriarcal.

Na **concepção médico-biologista** buscaram-se descrições de informações sobre o aparelho reprodutor masculino e feminino e das funções sexuais; cuidados higiênicos com o corpo humano, com destaque para os órgãos sexuais; doenças sexualmente transmissíveis.

Na **concepção terapêutica-descompressivo** procuraram-se reportagens que falam dos direitos homossexuais, que criticam o casamento tradicional, denunciam a violência contra a mulher.

Na **concepção consumista-quantitativo**, buscaram-se textos que tratam a sexualidade como mero objeto de consumo, que falam da indústria do entretenimento para a mercantilização do corpo, para o apelo sexual, para a padronização de beleza.

Na **concepção emancipatória**, procurou-se nas reportagens a compreensão plena de sexualidade, onde o indivíduo deve ser compromissado, crítico, autônomo, responsável e consciente de seus atos; o ato de cuidar e educar sexualmente deve partir da ação conjunta entre família, escola e sociedade. A sexualidade é apresentada em uma dimensão pedagógica e educacional.

A seguir é apresentado de forma sucinta, as análises de trechos das revistas investigadas. Na reportagem **“Pequenos sim, mas independentes”** (REVISTA NOVA ESCOLA, 2004, p. 22), o tema explorado é orientação sexual, voltada para Educação Infantil, com cunho informativo. O texto escrito fala da importância de não haver separação das atividades lúdicas ou recreativas por gênero, mas as imagens apresentam crianças sentadas à mesa para tomarem o lanche, separadas por sexo, e os utensílios também separados por gênero, as meninas com copos na cor vermelha e os meninos com copos na cor azul.

A reportagem intitulada, **“Fora do Normal”** (REVISTA NOVA ESCOLA, 2004, p. 60) apresenta o conto de Valéria Pollizi e em seguida apresenta um plano de aula, está direcionada para o Ensino Fundamental e tem cunho informativo/prático. O conto se refere a uma situação que sucedeu em uma sala de aula. Caio pede a sua amiga uma borracha emprestada, e ela diz que ele pode pegar na bolsa. Enquanto procura a borracha, ele

encontra uma embalagem de camisinha (preservativo masculino). Caio ficou espantado e começou a fazer pré julgamento da amiga. “Minha nossa, o que isto está fazendo aqui nas coisas de Aninha?! A mais novinha, da classe, a menorzinha, meiga, boazinha!” (POLLIZI apud REVISTA NOVA ESCOLA, 2004b, p. 60). Diante deste pensamento de Caio, podemos levantar uma série de questionamentos para serem refletidos. Para fazer sexo há uma idade definida? As meninas que são meigas e boazinhas não podem ter uma vida sexual ativa? Se a camisinha estivesse no estojo escolar de um menino, será que o pensamento de Caio seria o mesmo? O entendimento de sexualidade de Caio é tradicional, pautado na concepção normativa-parenêutica, que estabelece normas do que é certo e errado separado por gênero.

Apesar desta visão de Caio, no conto temos outra personagem – a professora, que tem uma postura totalmente diferente. Vamos analisar alguns trechos da fala da professora, na reportagem da Revista Nova Escola (2004): “[...] quer dizer, moçada, que menino pode andar munido de camisinha, que é chique, bom pra prevenção. E nós, meninas, não?!” (p. 60). A professora acredita e adota em sala de aula a proposta de orientação sexual emancipatória. Ela aproveita de uma situação que acontece na sala, do cotidiano, e propõe ao invés de uma aula expositiva, uma atividade pedagógica diferenciada, que é o debate. Chama a atenção do grupo para a importância de se conhecer e manipular a camisinha, que se constitui em um instrumento essencial para a prevenção das doenças sexualmente transmissíveis, dentre elas a AIDS.

É importante que os alunos se acostumem a ter, manipular e até brincar com a camisinha. Hoje, ela é um objeto corriqueiro no dia-a-dia dos jovens” Todos sabem que a camisinha é importante para prevenção das DST’s nas relações sexuais. Além disso, ela é um bom método para evitar uma gravidez sem planejamento (REVISTA NOVA ESCOLA, 2004, p. 62).

A professora mostra a importância dos métodos contraceptivos e aborda um assunto polêmico e atual, que a é gravidez sem planejamento. A gravidez precoce pode acarretar uma série de mudanças na vida do adolescente, como o afastamento da escola, começar a trabalhar para assumir responsabilidades de ser pai ou mãe, deixar de passear como os amigos, para cuidar de filho, perfazendo assim uma postura emancipatória.

Outra fala da professora que merece destaque, na mesma reportagem é: “Falar de sexo é tratar de mitos, medos, inquietações, fantasias, curiosidades, preconceitos, crenças, dúvidas, muitas dúvidas” (REVISTA NOVA ESCOLA, 2004, p. 61). A professora segue a concepção emancipatória de sexualidade, pois procura esclarecer dúvidas, aliviar angústias e medos, dando aos alunos oportunidade de construir seu conhecimento levando em

consideração as transformações que ocorrem no seu corpo e as influências no seu desenvolvimento psicológico.

O texto apresenta uma pesquisa com dados referentes ao estado do Rio de Janeiro, mostrando que a sociedade brasileira é machista, e para grande parte dos jovens, ainda hoje, a tarefa da criação da prole é responsabilidade feminina, portanto cabe a mulher se cuidar para não engravidar. Observe o trecho a seguir, que segue a linha da concepção parenética-normativa.

Pesquisa recentemente realizada em bairros carentes do Rio de Janeiro apontou o machismo entre jovens. Mais de 700 homens entre 15 e 24 anos foram entrevistados e 41% afirmaram que é a mulher quem deve tomar providências para não engravidar, 13,7% consideravam uma ousadia a parceira requisitar o uso da camisinha e 9% classificaram mulheres que andam com camisinha na bolsa como promíscuas (REVISTA NOVA ESCOLA, 2004b, p. 62).

O plano de aula proposto na reportagem apresenta os seguintes objetivos:

Refletir sobre as relações de gênero e prevenção das doenças sexualmente transmissíveis, inclusive AIDS, entre adolescentes; discutir comportamentos que expressam estereótipos e preconceitos, reconhecer como construções culturais as características socialmente atribuídas ao masculino e ao feminino; e conscientizar-se sobre a prática do sexo seguro (REVISTA NOVA ESCOLA, 2004b, p. 61).

Ao comparar estes objetivos propostos com o do PCN de Orientação Sexual (BRASIL, 2001), observa-se que o autor está acompanhando as diretrizes de orientação sexual e está procurando proporcionar aos seus alunos uma compreensão plena, integral, histórica, ética, estética e psicossocial consciente da sexualidade humana, destacando tanto a questão biológica, quanto as variadas discussões nas dimensões culturais, afetivas e sociais, destacando uma visão emancipatória.

Na reportagem “**Eles querem falar de sexo**” (REVISTA NOVA ESCOLA, 2006, p. 22), o conteúdo explorado é descobrindo a sexualidade e os limites do próprio corpo. Esta publicação está direcionada para o Ensino Fundamental e o seu cunho é informativo/prático. O texto relata uma situação de manifestação sexual que acontece no dia a dia, dando exemplos comuns e de experiências vivenciadas pelos alunos, que facilita a compreensão e o entendimento. A preocupação do texto é mostrar que as questões ligadas à sexualidade são normais, comuns, e não tem nada de pecaminoso e sujo, como durante muito tempo foi repassado pela família, igreja e escola. Vejamos a citação:

[...] que o corpo recebe estímulos: um cheiro gostoso de comida faz a gente sentir vontade de comer e um vento frio faz a pele se arrepiar. Do mesmo modo, algumas imagens (como o casal que se beija) estimulam os órgãos

sexuais e por isso a vagina se contrai (REVISTA NOVA ESCOLA, 2006, p. 22).

Neste trecho, ressaltamos a importância de utilizar a terminologia científica (vagina) em sala de aula, evitando usar expressões do senso comum, não apelidando o órgão sexual masculino e órgão sexual feminino, por isso pode ser considerada uma concepção emancipatória. Segundo Nunes e Silva (2000), o professor não deve ser omissos a essas expressões, curiosidades das crianças, pois essas omissões são responsáveis pela maioria das crises de conflitos emocionais e sexuais dos adolescentes.

Na mesma reportagem encontramos o trecho, “[...] esse é um tema [sexo] que envolve sentimentos e desejos e, portanto, não pode ser abordado só com explicações sobre o funcionamento do aparelho reprodutor e palestras médicas” (REVISTA NOVA ESCOLA, 2006, p. 23). O enfoque é sobre a relevância de se trabalhar com o tema sexualidade, e ressaltando que devemos ir além do

[...] modelo médico-biologista, inspirado na descrição das funções procriativas, centrada na informação das etapas e características do aparelho reprodutor e das funções sexuais reprodutivas, com variantes para uma abordagem higienista e médico-profilática (NUNES, SILVA, 2000, p. 14).

Diante de manifestações sexuais que acontecerem em sala de aula, a reportagem passa as seguintes orientações:

[...] o papel do educador diante de manifestações contra a suposta homossexualidade de um estudante é discutir o respeito às diferenças e garantir a integridade física e moral dos jovens, [...] Acolha e fortaleça os jovens que se isolam do grupo por ter comportamento diferente do padrão [...] (REVISTA NOVA ESCOLA, 2006, p. 23).

Estas sugestões vêm ao encontro com o PCN de Orientação Sexual (BRASIL, 2001) que afirma que devemos respeitar os direitos e as diferenças dos indivíduos.

As propostas pedagógicas para trabalhar com o tema sexo apresentadas na reportagem (REVISTA NOVA ESCOLA, 2006): “Mostre figuras ou modelos do corpo humano e apresente o nome correto dos órgãos sexuais” (p. 24); “A solução é usar muitas figuras, diagramas e esquemas para facilitar a visualização e a assimilação dos conteúdos” (p. 25), estão mais voltadas para a concepção médico-biologista, que se preocupa em citar nome, características e funções dos órgãos, trabalhando de forma fragmentada o conhecimento do aluno, utilizando como recurso figuras e esquemas. A reportagem demonstra preocupação em propor oportunidades a todos, sem discriminação: “Alunos com

deficiência visual precisam de material concreto para manipular, como modelos dos órgãos sexuais e esquemas em alto-relevo” (REVISTA NOVA ESCOLA, 2006, p. 25).

Segundo Nunes e Silva (2000), é preciso muito mais do que conhecimentos fisiológicos ou até anatômicos para compensarmos as dúvidas dos alunos em relações às questões de sexualidade dentro do espaço escolar.

A reportagem, “**Aprendizagem também é uma questão de gênero**” (REVISTA NOVA ESCOLA, 2007, p. 24), é uma entrevista que aborda as dificuldades da criança em sala de aula em relação aos papéis atribuídos a homens e mulheres. É uma reportagem de cunho teórico-informativo, destinada ao público do Ensino Fundamental. Durante o texto é feita uma comparação da diferença de conceito de homem e mulher pública, mostrando a distinção existente de gênero.

Quando procuramos as palavras homem e mulher em dicionários espanhóis e brasileiros, encontramos embaixo da primeira a seguinte definição: homem público, indivíduo que ocupa um alto cargo do Estado. Já mulher pública é definida como prostituta, meretriz (REVISTA NOVA ESCOLA, 2007, p. 24).

Por estas definições podemos observar a disparidade que existe entre homens e mulheres na sociedade. Logo, cabe aos professores colocar os alunos para refletirem e analisarem em diferentes contextos, épocas e culturas, como as relações de gênero se dão.

Em outro trecho da mesma reportagem, chama atenção para a negação das relações de gênero no espaço escolar. “Os sistemas educativos estão organizados conforme as sociedades patriarcais e, por isso, aspectos da singularidade dos gêneros são negados ou exibidos com excesso, quase como em uma caricatura” (REVISTA NOVA ESCOLA, 2007, p. 25). O texto mostra que o educador deve ter capacidade crítica para contrapor-se a visão equivocada das relações de gênero. Vale ressaltar que conceito de gênero é construído e determinado pela sociedade, vai se formando de acordo com a cultura, a religião, as formas políticas, dos processos que distinguem homens e mulheres e não impostos biologicamente.

A reportagem “**Questão de escolha agora e no futuro**” (REVISTA NOVA ESCOLA, 2008, p. 25), aborda sobre a dificuldade das adolescentes terminarem os estudos por causa de uma gravidez precoce, está voltada para o Ensino Fundamental e tem cunho informativo/prático. Nesta reportagem é retratada a gravidez precoce, das adolescentes de 14 a 19 anos.

No trecho, “[...] principal motivo de evasão escolar entre as meninas, a maternidade precoce não preocupa apenas agentes de saúde em todo o país, mas também os educadores” (REVISTA NOVA ESCOLA, 2008, p. 25). Trata-se de um tema atual, polêmico

e que discute aspectos sociais, abordando o tema sexualidade de acordo com a concepção emancipatória, ressaltando a necessidade da Orientação Sexual dentro do espaço escolar e nas organizações de saúde.

Em outro trecho da reportagem encontramos “[...] os próprios adolescentes trabalham o tema com os colegas” (REVISTA NOVA ESCOLA, 2008, p. 28), e mostra os próprios alunos segurando figuras ilustrativas, para que os colegas se familiarizem com o aparelho reprodutor masculino e a aparelho reprodutor feminino, retratando dessa forma a concepção médico-biologista. Esta não é uma das propostas pedagógicas mais defendidas atualmente. De acordo com o PCN de Orientação Sexual (BRASIL, 2001), Nunes e Silva (2000), Reis (2000), devemos propor atividades mais dinâmicas e criativas, para trabalhar com sexualidade, como situações problematizadoras, jogos, teatro, confecção de réplicas do corpo humano com massa acrílica, dentre outras. Para discutir a questão da gravidez precoce, nada melhor do que criar situações que envolvam o caso de uma adolescente que engravidou, por exemplo, aos 15 anos, e solicitar uma reflexão sobre as dificuldades que ela irá deparar no relacionamento com os pais, com os amigos, nas mudanças na sua vida, sua perspectiva futura profissional e educacional, dentre outras situações.

O texto da revista Nova Escola (2008) mostra a importância de estimular a orientação sexual de forma ampla, não se atendo apenas aos aspectos biológicos, mas também as questões sociais. No caso específico desta reportagem, destacou os direitos a saúde pública. “Depois de garantir informação e orientação, é preciso possibilitar o acesso a serviços disponíveis nos postos de saúde [...]” (REVISTA NOVA ESCOLA, 2008, p. 30), é uma concepção emancipatória, onde o indivíduo é respeitado em suas particularidades e individualidades.

A reportagem “**O assunto é sexo. E é sério**” (REVISTA NOVA ESCOLA, 2008b, p. 38), aborda que crianças devem aprender desde pequenas a respeitar o próprio corpo e dos outros, tratarem com objetividade os assuntos íntimos e ter informação para planejar uma vida sexual saudável. É uma reportagem de cunho informativo/prático, destinada ao público da Educação Infantil. O trecho, “[...] a omissão leva os alunos a achar que temas relativos a sexualidade não devem ser discutidos com os adultos” (REVISTA NOVA ESCOLA, 2008, p. 38), mostra que a omissão por parte de pais e familiares em não conversar sobre aspectos ligados a sexualidade com as crianças podem levar a idéia equivocada e errônea que trata-se de assunto sujo, errado, e acabam ficando com curiosidade reprimida. Na verdade é uma forma de alertar que não cabe apenas a escola trabalhar com orientação sexual, a família também deve participar da formação da criança. Essa idéia é reforçada com a afirmação, “A

escola consegue mostrar a importância da Orientação Sexual para um desenvolvimento saudável” (REVISTA NOVA ESCOLA, 2008b, p. 40).

A reportagem “**Educação sexual se faz a cada dia**” (REVISTA NOVA ESCOLA, 2008c, p. 31), está voltada para o Ensino Fundamental com cunho informativo. Durante a leitura da reportagem encontramos algumas frases que mostram que o acesso as informações relativas ao tema sexualidade são adquiridas, tanto no espaço escolar, quanto no convívio em sociedade. “Através do convívio com os pais e os amiguinhos na escola, as crianças aprendem comportamentos e normas de conduta que irão influenciar sua vida sexual” (REVISTA NOVA ESCOLA, 2008, p. 31). Pais e educadores estão unidos pela mesma responsabilidade social de gerar, preparar, enquadrar e habilitar-se as novas gerações ao convívio e reprodução material e simbólica a que pertence. Nesta sua responsabilidade institucional é que radicam as formas de supostas alianças entre o saber sexual transmitido pela família e aquelas informações e padrões de reforço exigidos pela escola em sua conformação com as finalidades mais complexas da construção social de comportamentos delimitados (BRASIL, 2001, p.113).

É fundamental que o professor esteja disponível para conversar, dando informações corretas, respeitando a opinião de cada aluno, tendo abertura suficiente para não julgar seus alunos quanto a concepções de “certo ou errado”. Portanto, não cabe a escola padronizar e estereotipar um padrão de sexualidade a ser seguido, mas sim em conjunto com a família, propor um planejamento que permita à criança refletir o seu ponto de auto-referência. “Trata-se de preencher lacunas nas informações que a criança já possui e, principalmente, criar a possibilidade de formar opinião e respeito do que lhe é ou foi apresentado” (BRASIL, 2001, p. 122).

Em determinada parte do texto encontramos a seguinte afirmação: “a escola está sempre transmitindo valores, mais ou menos rígidos, de acordo com a sua cultura e as crenças dos seus profissionais” (REVISTA NOVA ESCOLA, 2008c, p. 32). Mesmo que o professor afirme que não repassa valores, mesmo inconscientemente, suas atitudes são reflexos de sua concepção de sexualidade. Segundo o PCN de Orientação Sexual, “o professor transmite valores em relação à sexualidade no seu trabalho cotidiano na forma de responder ou não as questões mais simples trazidas pelos alunos” (BRASIL, 2001, p. 123).

Não tem como não discutir o tema sexualidade com as crianças, pois no contexto atual, a todo o momento, temos contato com informações advindas da mídia. A reportagem comenta: “Meninos e meninas têm acesso a fotos de pessoas nuas, participam de jogos sexuais, vêem casais trocando carícias em ambientes públicos, e até mantendo relações sexuais em filmes e programas de TV” (REVISTA NOVA ESCOLA, 2008, p.32).

A reportagem “**Será que elas são...**” (REVISTA NOVA ESCOLA, 2009, p. 83), trabalha com o tema homossexualismo. Está voltada para o Ensino Fundamental e é de cunho informativo. Apesar do homossexualismo ser natural e comum, a escola ainda não sabe como trabalhar ou não aceita as pessoas com esta opção sexual. Veja a afirmação do texto:

Será que elas são... Homofóbicas? Sim, pesquisas indicam que as escolas brasileiras são preconceituosas com gay. [...] Em pleno século XXI, a maioria dos países ainda não aceita o casamento de homossexuais e permanece o preconceito na sociedade, “a homossexualidade e a bissexualidade são consideradas desvio de normas”. [...] no ambiente escolar, comportamentos desviantes da norma muitas vezes são encarados como problemas (REVISTA NOVA ESCOLA, 2009, p. 83)

Essas afirmações mostram que aquele indivíduo que foge as regras e normas estabelecidas pela sociedade, é tido como “anormal” e está sujeito a rejeição, tornando-se um problema na escola.

[...] professores e professoras tendem a se apoiar em abordagens normativas quando se deparam com questões de gênero e de sexualidade, e suas ações, nestes campos, são balizadas por saberes que, supostamente, permitem classificar e diferenciar “com certeza” o que é normal e o que é desviante (MEYER; SOARES, 2004, p. 11).

Os professores precisam estar preparados para determinadas ações, que muitas vezes o pegam de surpresa em sala de aula. Neste momento o professor não deve se esquivar dos comportamentos dos alunos e sim tratar o assunto com respeito. Como o próprio texto coloca, “a educação deve desmontar estereótipos, veicular conhecimentos objetivos e fomentar nos jovens a capacidade de defender a si próprios de forma não violenta” (REVISTA NOVA ESCOLA, 2009, p. 83).

Conclusões

Nas oito reportagens analisadas sobre a temática sexualidade pudemos constatar que a maioria das reportagens é de cunho informativo-prático, onde a intenção é dar a informação com linguagem simples e, sobretudo ensinar a fazer. Observamos que os planos de aula são como “receitas de bolo”, prontas, restando só partir para a execução. Os professores precisam entender que os planos de aula apresentados nas revistas são apenas sugestões que necessitam ser adaptadas à realidade local.

Com relação a qual concepção de sexualidade é adotada pela revista Nova Escola, constatamos que dos 32 trechos retirados das oito revistas analisadas, pudemos identificar que a maioria se pauta na concepção emancipatória, em outros momentos na concepção normativa.

Percebemos que as reportagens possuem aportes teóricos, e se sustentam em estudiosos do assunto, em Organização Não Governamental (ONGs) e grupos de estudo sobre sexualidade. Cabe aos professores a capacitação profissional e conhecimento sobre orientação sexual para que os conteúdos relacionados à sexualidade sejam transmitidos de maneira contextualizada. Os professores devem orientar seus alunos a construírem sua sexualidade de forma autônoma, saudável, segura e equilibrada respeitando as manifestações sexuais das crianças de acordo com o seu desenvolvimento e idade.

Espera-se que esta pesquisa possa contribuir com os sujeitos envolvidos com a educação e que reconheçam a revista Nova Escola como um recurso pedagógico para a orientação dos professores, mas conscientes da necessidade de avaliar as mensagens transmitidas. Ressaltamos que a sexualidade deve ser compreendida não apenas no enfoque biológico, mas também no enfoque social, cultural, histórico e afetivo.

Referências bibliográficas

BARDIN, Laurence. Organização da Análise. In: **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade Cultural e Orientação Sexual**. Brasília. MEC/SEF, v. 10, 2001. p. 113.

CAMARGO, Ana Maria Facciolo de; RIBEIRO, Cláudia. **Sexualidade(s) e Infância(s): a sexualidade como tema transversal**. São Paulo: Moderna; Campinas: UNICAMP, 1999.

FELIPE, Jane. Sexualidade nos livros infantis: relações de gênero e outras implicações. In: MEYER, Dagmar E. Estermann (org.). **Saúde e Sexualidade na escola**. Porto Alegre: Mediação, 1998. (Cadernos Educação Básica, v. 4).

COSTA, Marisa Vorraber. Mídia, magistério e política educacional. In COSTA, Marisa Vorraber (org) **Estudos Culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema**. Porto Alegre: Ed. Universidade UFRGS, 2006.

FUNDAÇÃO VICTOR CIVITA, 1985. Disponível em: http://www.Abril.com.br/BR/projetos_43877.shtml. Acesso em setembro/ 2010.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed., São Paulo: Atlas, 2002.

LOPES, Zaira de Andrade. **Meninas para um lado, meninos para outro**: um estudo sobre representação social de gênero de educadores de creche. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. Sexualidade: lições da escola. In: MEYER, Dagmar E. Estermann (org.). **Saúde e Sexualidade na escola**. Porto Alegre: Mediação, 1998. (Cadernos Educação Básica, v. 4).

_____; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre. (Org.) **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MEYER, Dagmar Estermam; SOARES, Rosângela de Fátima. **Corpo, Gênero e Sexualidade**. Porto Alegre: Mediação, 2004.

NUNES, César; SILVA, Edna. **A educação sexual da criança**. Campinas-SP: Autores Associados, 2000.

REIS, Márcia Santos Anjo. **Livros Paradidáticos**: o ambiente como tema a ser investigado. Uberlândia, 2000. Programa de Mestrado em Educação – Universidade Federal de Uberlândia – UFU.

REVISTA NOVA ESCOLA. Educação Indígena. São Paulo: Abril, ano XIX, n. 171, Abril, 2004. p. 138.

_____. **Cola, o aluno colou? É hora de discutir avaliação. E regras**. São Paulo: Abril, ano XIX, n. 173, Junho/Julho, 2004. p.141.

_____. **Eles querem falar de sexo**. São Paulo: Abril, ano XXI, n. 191, Abril, 2006. p.143

_____. **A educação, vista pelos olhos do professor**. São Paulo: Abril, ano XXII, n. 207, Novembro, 2007. p.160.

_____. **Brasil antes do Brasil**. São Paulo: Abril, ano XXIII, n. 212, Maio, 2008. p.166.

_____. **Educação Sexual. O assunto é sexo. E é sério**. São Paulo: Abril, ano XXIII, n. 214, Agosto, 2008. p.173.

_____. **Leitura**. São Paulo: Abril, ano XXIII, n. 215, Setembro, 2008. p.182.

_____. **Avaliação, a prova Brasil em detalhes**. São Paulo: Abril, ano XXIV, n. 222, Maio, 2009. p.184.

